

O desenvolvimento infantil na perspectiva psicanalítica

ANTÓNIO COIMBRA DE MATOS (*)

INTRODUÇÃO

No homem, a grande imaturidade do sistema nervoso central à nascença vai condicionar, por um lado, uma grande dependência do meio, por outro uma extrema influência deste sobre o processo de crescimento e a aprendizagem. Em nenhuma espécie biológica a moldagem pelo ambiente é tão intensa e implica um tão amplo leque de diversidade evolutiva. Para o compreendermos basta relembrar que um grande número de vias aferentes, eferentes e associativas só tarde atingem a sua mielinização completa, o que equivale a dizer que são percursos e circuitos possíveis mas só abertos ao trânsito do fluxo nervoso à medida que o desenvolvimento se desenrola, o que cria a par e passo condições novas e vias alternativas, permitindo organizações diferentes e opções diversas, marcando destinos e abrindo caminhos, ancorando em precipitações prematuras ou rasgando perspectivas insondáveis.

Se esta situação semi-embriónica do sistema nervoso deixa em aberto uma gama

larga de estruturas futuras, só mais tarde maduras e mais ou menos definitivas — os modernos trabalhos de neurofisiologia e neuropatologia mostram que a plasticidade morfogénica da arquitectura neuronal não se esgota tão precocemente como se julgava —, para além desta constatação embriónica, continuando, deparamos ainda com um *substratum* anatómico que, no homem, designadamente pelo enorme desenvolvimento dos lobos frontais, permite uma computorização dos dados de experiência, uma modulação da sua elaboração e uma variabilidade de resposta que só recorrendo ao cálculo exponencial podemos encontrar uma medida para as compararmos com a capacidade instrumental do cérebro dos outros animais.

Esta riqueza morfológica e complexidade arquitectónica da rede neuronal traduzem-se no funcionamento operacional pela elevada capacidade de formação de reflexos condicionados altamente complexos, pela facilidade da sua extinção e renovação, pela rapidez de formação e substituição de estereótipos comportamentais, pela finura e precisão da sua adequação, e ainda na variabilidade do seu dinamismo intrínseco, numa palavra, na possibilidade da forma-

(*) Psicanalista. Membro Didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

ção de automatismos finamente adaptados e na fácil desautomatização, tão necessária na conduta sistematicamente a adaptar do homem em sociedade.

Nesta capacidade anatomo-fisiológica destacamos, por maior interesse para o assunto da nossa exposição: a extensa memória, a intensa repercussão emocional da experiência vivida, e a possibilidade acrescida de planejar a acção e de fantasiar. As experiências de cingulectomia e de lobotomia frontal, bem como a patologia parietal e temporal, dão-nos exemplos claros do valor deste suporte neuro-anatómico. As clássicas observações e experiências de Koller com o macaco mostram-nos o nascer da importante função do planeamento do agir; as de Harlow, do crescendo em progressão geométrica da capacidade sensório-afectiva diacrítica.

Memória, afecto e fantasia são três aspectos do funcionamento mental, que, como veremos, e sabemos, são fundamentais na compreensão analítica da relação humana.

Este rápido — também incómodo e talvez maçador — sobrevoou pelas bases neuro-anatómicas e neuro-fisiológicas do comportamento humano tem somente a intenção de deixar bem claro que a psicanálise não é uma teoria construída no vazio ou uma pura especulação do espírito, mas um esforço científico para compreender o funcionamento psíquico, não ignorando a base biológica da vida mental, a dimensão histórica e cultural do homem, a sua inter-relação dialéctica, mas também, e ainda, que a actividade mental deriva de uma estrutura funcional com as suas leis específicas e o seu significado próprio. Se na natureza nada se perde e nada se cria mas tudo se transforma, como Lavoisier o enunciou na sua lei da conservação da matéria, e se não há energia sem suporte material como o ensina a física quântica de Max Planck, também Einstein, com as leis da relatividade, veio mostrar que a dimensão temporal vem criar

novas formas na expressão e na consequência das partículas carregadas de energia deslocando-se no espaço e através do tempo.

De igual modo a psicanálise, penetrando no mais recôndito e profundo, mas também no mais significativo, signficante e real da vida de relação do homem, veio mostrar que o afecto é o traço indelével e o motor autêntico do porquê e para que pensar. E que da elaboração da vida afectiva nasce uma nova realidade — a realidade psíquica.

Como aparece, se estrutura e modifica esse movimento de ligação dos seres, o tem procurado, procura e procurará *per omnia secula* a psicanálise. Pois os psicanalistas não ignoram que o conhecimento é — na expressão de um cientista belga — uma mancha de óleo que, quanto mais cresce, maior é a fronteira com o que a circunda, ou seja, com o desconhecido; mas também admitem, e por isso não desalentam, que o que caracteriza o espírito humano é a ânsia de criar no sentido de ligar cada vez mais o homem à sua essência, como o afirmou, de forma poética e lúcida, Leonardo Coimbra em *O Criacionismo*.

O que é o afecto, como o tocamos, como o conhecemos, que uso dele fazemos? Se a esta pergunta soubermos — ainda que parcelar e incompletamente — responder, talvez possamos dar uma visão impressiva do desenvolvimento infantil.

I

Saído do ambiente protegido do útero materno — no qual vivia em quase perfeito equilíbrio homeostático — o recém-nascido sofre o impacte de um sem número de estímulos externos — luz, ruídos, diferenças térmicas, deslocções no espaço (estímulos de que estava semi-abrigado pela barreira hídrica do líquido amniótico) e os decorrentes do súbito estabelecimento da respiração pulmonar — e outros tantos internos,

dos quais o principal é, inicialmente, a secura da zona lábio-bucal; secura que despertará o seu primeiro reflexo inato de tipo comportamental — isto é, dirigido ao mundo que o cerca —, o reflexo de sucção. Será este reflexo um dos primeiros a receber o condicionamento do meio.

Através da mamada, o recém-nascido realiza as primeiras experiências de satisfação de uma necessidade biológica e de acalmia de um estado de tensão e irritabilidade nervosa, que mais tarde vivenciará como sede e fome.

Através desse gesto elementar, mas essencial à vida, da nutrição no seio ou seu substituto, vai-se repetindo, firmando e elaborando toda a experiência de gratificação e frustração, de relação com o mundo dos objectos privilegiados, de organização do que chamamos a relação de objecto. A riqueza, variabilidade, modulação e timbre destas trocas emocionais, entre o lactente e a mãe lactante, integradas em conjuntos ou *gestalts* cada vez mais complexos pela maturação paralela das capacidades sensório-motoras e de cognição, pelo acumular das experiências vividas, e ainda pela resposta em eco e muitas vezes antecipada da mãe — isto é, em apelo do crescimento vislumbrado e no pressentimento da necessidade nascente (que a mãe, que investe com autenticidade e equilíbrio o seu filho, descobre para além da percepção consciente e do significado racional da situação que vive) — dão-nos a dimensão e mostram-nos a importância que, para todo o sempre, esta fase evolutiva da relação com o seio vai ter no destino individual.

A criança, quando suficiente e harmonicamente investida pela mãe, perceberá o seu corpo e a sua vida anímica envoltos num sentimento de plenitude e bem-estar, que constituirão a principal reserva de libido narcísica ou amor próprio; fonte da energia erótica que a pouco e pouco será capaz de utilizar no investimento ou amor do outro, e, quando necessário, no reinvestimento de

si próprio. A libido objectal — assim como o narcisismo secundário — não é qualquer coisa que nasce por geração espontânea ou decorrente apenas da transformação gratuita de um instinto biológico propulsor mas, para além da força do instinto que a alimenta, qualquer coisa que se cria, cresce e modela na relação com o objecto.

II

Se a função nutritiva serve de modelo para as primeiras aquisições relacionais, nem tudo se passa através desse comportamento singular. O contacto pele a pele, o movimento, o som, o olhar, etc., são outros tantos meios de comunicação e intercâmbio que estruturam a relação primária mãe-filho.

A repetição da satisfação alimentar — com todo o seu maior ou menor cortejo de sensações agradáveis: contacto cutâneo, calor do corpo materno, impressões cinestésicas e labirínticas suaves, vocalizações melódicas, movimentos do olhar e mímica do rosto materno, etc., bem como a sensação prazenteira de sugar (suporte sensorial ou sensitivo do reflexo inato, ou estímulo incondicional) — vai criar um desejo de obtenção de prazer, uma necessidade, por assim dizer, de luxo, para além da satisfação alimentar, embora nela se apoiando, e cuja consumação se traduz numa sensação hedónica, a que chamamos sensual, ou sexual em sentido lato. Assim se desenha o que Freud chamou prazer e sexualidade pré-genitais.

Este lucro na satisfação da necessidade, este ganho de prazer, ficará ligado, no seu efectivo, a toda a *gestalt* da situação prazenteira e, muito particularmente, à estimulação ritmada de uma zona especificamente enervada e peculiarmente sensível (a zona oral) pelo contacto com uma coisa material

que, a pouco e pouco, se constitui como objecto privilegiado, eleito no mundo das coisas, significativo e significante — que tem um significado particular e dá significado à existência —, passando-se de um simples sinal ou signo de valor condicional na complexidade progressiva da conduta reflexa e da comunicação, de uma razão portanto meramente accidental e logo convencional, para um significante de valor próprio e pessoal, objecto da opção do desejo, carregado de propriedades reais e fantasmáticas que lhe darão o cunho peculiar e único que permitirá posteriormente a construção do símbolo — pessoal e cultural (do colectivo humano) — e a elaboração de todo o pensamento abstracto, seja ele aplicado na ciência, na arte, na poesia ou na religião: a mãe, o seio, a pátria, o universo e o nada, as alturas e o abismo... bem diferente da linearidade física do som metálico, a tantos ciclos por segundo, da campainha de bronze do laboratório de Pavlov.

E assim, do desequilíbrio homeostático, condicionando uma irritabilidade neuronal, por sua vez condicionante de uma actividade instintiva inscrita no comportamento inato, passando pelo reflexo condicionado a estímulos primariamente anódinos, chegamos à conduta dirigida pelo afecto, ele mesmo forjado na vicissitude da relação. Satisfação, frustração; presença, ausência; qualidade do investimento materno; doseamento e ritmo da estimulação; ambivalência, rejeição, e outros tantos sentimentos da mãe; interferência do estranho, do não familiar — na relação binária da díade mãe-filho, neste bloco de dois corpos e seus prolongamentos anímicos, que se confundem num todo fusional — são alguns dos ingredientes de uma serena e quente, por vezes fria e estéril, ou tumultuosa, reacção, que, no cadinho da relação primária, levará paulatinamente à constituição do sujeito e do seu objecto.

III

Nesta primeira fase evolutiva não podemos, de facto, falar propriamente de sujeito e objecto, mas tão só de precursores do Eu e do pré-objecto; na medida em que não existe ainda uma consciência de si próprio e uma separação do que virá a ser o mundo exterior e, particularmente, o outro. Tudo se passa num acontecer caótico de sensações, seguido de um deslizar caleidoscópico de percepções, das quais se vai destacando o rosto animado da figura humana e, mais tarde, a imagem familiar da mãe. Por esta última altura — que corresponde à angústia em face do estranho de Spitz — podemos dizer que o objecto se constitui, seguindo Nacht e Racamier, topologicamente (isto é, no campo do sistema percepção-consciência).

A constituição da imagem do próprio é — como se compreende pela necessidade de integrar estímulos internos e externos — mais tardia; situa-se ao nível do que Lacan descreveu como fase do espelho.

A formação do objecto no ponto de vista económico (isto é, com desejos próprios: investido e percebido — fabricado — à imagem de si mesmo, num processo de identificação projectiva) — o objecto portador de desejo — é contemporânea da fase anal. Daqui toda a importância de que se reveste esta fase evolutiva na contenção do impulso, na elaboração das formações reactivas — logo, na organização do carácter —, no isolamento do afecto — e assim no desenvolvimento do pensamento operacional — e no início, pelo choque e oposição de desejos, da consideração da diversidade do outro — o que vai ter profunda repercussão no processo de individuação, e, portanto, na formação ulterior da identidade própria. É também, como todos sabemos, o período da ambivalência, da luta entre agradar e dominar o objecto; e, logo, do importante processo maturativo dos primei-

ros ensaios de separação e diferenciação pulsionais.

IV

Retomando a descrição do lado do sujeito — à parte do registo ou não registo dos estímulos externos (servindo-se do que Freud chamou a barreira «para-estímulos», protótipo do futuro mecanismo de recusa ou denegação) —, temos a forma particular como, a princípio, o indivíduo vivencia o seu próprio sentir anímico e as sensações corporais que os estímulos externos e internos provocam.

De início, equilíbrio biológico, tranquilidade e repouso equivalem a bem-estar; de-sequilíbrio, a irritabilidade, tensão e mal-estar. Estas sensações elementares, secundariamente, vão-se diferenciando em expressões de contentamento e apelo ao contacto, quando espera a satisfação, e expressões de medo e/ou raiva, quando presente o não-objecto (ou objecto persecutório) ou percepção a ausência de satisfação (ou frustração) — reacções a aproximar do medo de aniquilamento e das crises clásticas do adulto esquizofrénico.

A capacidade de representação (*re-apresentar*) — que muito precocemente se estabelece (vejam-se os trabalhos de neurofisiologia sobre o sono rápido ou paradoxal) — começará, muito provavelmente, pela alucinação da experiência sensível de satisfação: isto é, o lactente em estado de necessidade alucinará a sensação de satisfação, o que lhe permitirá uma curta e momentânea tranquilização. Posteriormente vem a realização alucinatória do desejo, que será já então uma verdadeira representação (uma imagem) ⁽¹⁾.

Mais tarde ainda, virá o fantasma ou fantasia: a organização de uma realidade interna, consciente e/ou inconsciente, que é uma formação do compromisso entre a pulsão e interdição (ou a defesa, quando aquela está interiorizada). O fantasma exprime-se por uma representação cénica: tem movimento e é sequencial.

Tocamos, entretanto, no delicado problema do consciente/inconsciente e na controvérsia da origem e nascimento do Eu. Aqui, contrariamente à opinião de muitos autores, é-nos mais simpática uma perspectiva teórica próxima da do nosso mestre e amigo Pierre Luquet: no início é a consciência, é a inundação pelas sensações; nada mais existe ao nível do que convencionamos chamar fenómeno psíquico. A partir dessas impressões forma-se, por clivagem (do que poderíamos chamar o Eu primordial; ou os estádios precursores da estrutura egóica, no sentido de núcleo organizado e organizativo) e recalçamento (correspondendo ao recalçamento primário) — melhor seria dizer-se por subtracção do Eu e da consciência —, forma-se, dizíamos, o traço mnésico primordial — o engrama — e os primeiros precipitados dos conteúdos do inconsciente dinâmico, que se ligam à pulsão (ou «representante psíquico do instinto», como Freud a definiu — no sentido da vaga consciência, do pressentir, de uma tensão interna que impulsiona *para*; o que equivale ao termo de «moção pulsional» dos autores franceses).

Evidentemente que o Ego, no sentido clássico — isto é, de instância ou estrutura do aparelho mental encarregada da mediação entre o *Id* e o Super-eu e da organização da adaptação ao real — é uma formação muito mais tardia. Na sua forma elaborada, com funções de unidade e síntese, e a referida de mediador, é uma formação contemporânea do período edipiano; e, ainda, sujeita a remodelações posteriores, designadamente na adolescência.

⁽¹⁾ É o que designamos por *proto-fantasma*.

V

Falando nas funções defensivas do Eu, abordamos outro importante aspecto da evolução da personalidade: o da forma como se estrutura o carácter; consoante o modo, intensidade, variedade, época da história ontogénica, etc., como as defesas inconscientes do Eu actuaram ou foram utilizadas na luta contra os impulsos para evitar a ansiedade. Desde o recalçamento e a formação reactiva, à clivagem e projecção, citando apenas algumas das mais conhecidas e notórias.

É do estudo da evolução da libido e da interferência da actividade defensiva que se deduz a organização evolutiva da relação de objecto, ela mesmo cinzelando o cunho peculiar do sentir, pensar e agir de cada um de nós. Como diz iutro dos meus mestres e amigos — Francisco Alvim —, conhecer as pessoas é perscrutar a maneira como se relacionam connosco.

A relação objectal, que é o traço *cheio* da evolução afectiva e humana do indivíduo, foi magistralmente estudada por Maurice Bouvet, designadamente nas suas duas principais linhas de consolidação — histérica e obsessiva —, ou seja, da resistência *pela* transferência (ou a repetição maciça e constante do passado histórico — com toda a sua carga afectiva — no actual, e com o mínimo de recordação, que o recalçamento não permite) e da resistência *à* transferência (com isolamento do afecto original, contido por contra-posição na formação reactiva); ou, de uma forma mais simples e global, os indivíduos do «muito sentir» e do «muito pensar», de Fenichel. Modelos que polarizam duas formas, de certo modo divergentes, de cultura: a do contacto muito permissivo com as crianças, como as civilizações africanas (de que encontramos excelentes relatos em Celeste Malpique num estudo evolutivo das crianças negras de Angola e no livro de Parin e Morgenthaler *Les européens pensent trop*), e as civilizações

urbanas ocidentais, com tendência crescente para a esterilização do afecto e para o contacto à distância, com o intermediário das «luvas» e dos brinquedos; mais recentemente, com a automatização e codificação rígida da conduta e a contradição sistemática dos valores, começam a abundar as culturas psicotizantes e as estruturas psicóticas.

Bouvet faz ainda uma descrição viva da estrutura genital e pré-genital. A primeira, caracterizada pela abertura, a franqueza, a modulação, a expectativa de eco no outro, a atenção à recepção da comunicação, a capacidade de compreender o semelhante e o diferente. E a estrutura pré-genital, marcada pela densidade do impenetrável, pela suspeita, pela projecção, o ataque camuflado ou pela calada do silêncio, a frase dúbria, a crítica na ausência do criticado, o reparo inesperado e insólito. As personalidades genitais tocadas pela predominância da libido objectal; as pré-genitais, pela preponderância do investimento narcísico (no meu tempo de escola tais personagens eram alcunhados de «sacaninhas»; ou, em português vernáculo, mas cheio de sentido psicológico, os «punhetas»).

VI

Deixamos para o fim um outro aspecto da evolução psíquica — o do desenvolvimento das funções autónomas do Eu; aspecto particularmente grato à escola estruturalista americana, de que foram pioneiros Hartmann, Kris e Loewenstein.

Nem toda a energia libidinal — oriunda, como vigor, do afecto com que a criança foi investida (não aceitamos, por formação epistemológica, a geração espontânea; nem a transformação — por artes mágicas — do instinto em libido, na sua acepção plena de desejo carregado de afecto) —, nem toda a libido, vínhamos dizendo, é investida em amor objectal ou amor narcísico — ou

«transvestida», em face das contingências inevitáveis da relação, em domínio ou agressividade —; um excedente de energia livre, não ligada, e circulando fora do conflito (o que chamamos energia *desconflituada*), e mais ou menos destacada da relação interna e histórica e da relação externa e actual, é investida nas funções de antecipação do futuro, que são, como se sabe, o principal *subtractum* operacional da adaptação ao real, e no prazer de funcionamento, no qual o pensar e o agir são prazenteiros pelo simples facto de o indivíduo sentir e experimentar que pode existir independentemente desta ou daquela necessidade e da prossecução deste ou destoutro objectivo — é a famosa «liberdade», que a criança sente e que o adulto ambiciona.

VII

Ao falarmos do Super-Eu deixamos na reserva da nossa memória a possibilidade de abordar a importância do mecanismo da identificação em todo o processo evolutivo.

Gostaríamos, agora, de destacar apenas algumas das suas implicações mais decisivas na formação da personalidade.

Os fenómenos da identificação ao objecto verificam-se ao longo de toda a evolução; uma descrição correcta e completa seria fastidiosa.

Deixaremos, assim, de lado as identificações precoces ao bom e mau objectos introjectados; importantes na génese da idealização e dos sentimentos persecutórios.

Posteriormente surge a identificação à mãe activa, que é extremamente importante na maturação da individualidade e na ontogénese dos sentimentos de unidade, independência e limites do Eu. Basta referir os defeitos egóicos que observamos nas personalidades *borderline*; e que os autores americanos, Bettelheim entre outros, relacionam frequentemente com a atitude das mães de-

primidas e inseguras, que, ou estão ausentes, ou se adiantam sistematicamente nas tentativas de realização autónoma da criança.

As dificuldades de identificação sexual por negação («*déni*») da castração e fixação à fantasia da mãe fálica, são também bem conhecidas na génese das perversões e situações afins; com um rigor quase matemático para o feiticismo no homem e a cleptomania na mulher⁽²⁾.

Mais relevante, e representando a cúpula do processo identificativo, temos o jogo complexo das identificações edipianas, com a assunção da bissexualidade psíquica, o investimento harmónico do Eu corporal, a definição da identidade sexual, a escolha definitiva do objecto e a formação do Super-Eu, assim como a consolidação do narcisismo pela transmutação de parte do investimento objectal incestuoso e contraditório em amor de identificação.

No período de latência, serão as identificações edipianas e seus sucedâneos os principais trilhos condutores e o grande caudal de força motora para as aquisições importantes no plano intelectual e social.

Na adolescência, a revivência do conflito edipiano, a maturação da genitalidade, o assumir ou não da forma corporal sexuada, a maior ou menor dificuldade de fazer o luto das imagens parentais, as oscilações investimento objectal *versus* investimento narcísico, e os problemas com a consolidação da identidade e a definição do papel social, vão fazer reviver e recriar velhas dificuldades, e, por vezes, novas e dramáticas alternativas, em que o suporte de identificação que o adulto pode fornecer vai jogar papel decisivo no destino que marcará o jovem.

(2) Consideramos a cleptomania da mulher um síndrome simétrico do feiticismo do homem.

VIII

No decurso evolutivo da relação de objecto, as encruzilhadas de maior conflito e de menor autonomia individual constituirão núcleos de cristalização de determinados padrões relacionais e do funcionamento mental — as fixações —, que deixarão o seu selo no estilo de vida futura. Além do que — pela energia condensada —, são focos de atracção, orientando e contendo o movimento regressivo quando as condições do presente, ultrapassando a capacidade integrativa do Eu, fazem recuar a pulsão em curso para a sua finalidade maturativa e madura, e o pensamento prospectivo é submerso pela energia da reserva natural do passado vivido da realidade psíquica (do que se foi e desejou ser).

Regressão libidinal e regressão do Eu, regressão temporal ou regressão tópica, isoladas ou conjugando-se, darão ao movimento regressivo o seu carácter particular, numa ampla diversidade de possibilidades.

Na regressão vão ser reactivados padrões comportamentais do passado, modelos ultrapassados de relação objectal e as fantasias inconscientes e conscientes (inconscientes sobretudo) que os sustentam; mas, também, traços mnésicos que serão injectados por fantasias de épocas ulteriores da vida (o que Jung designou por «fantasma retroactivo») — quer dizer, em que a relação arcaica é traduzida num código e numa simbólica (numa linguagem, portanto) de uma época mais avançada. Por exemplo, a cena primitiva, na regressão à relação oral, poderá ser exprimida ou vivenciada num fantasma de *fellatio* (frequentemente duplo e simétrico, se intervem também a fantasia da mãe fálica) e na regressão sádico-anal, por um fantasma de coito à *tergo* ou anal.

IX

Feito o périplo da evolução psíquica, que bordejia a maturação biológica, poderíamos

dizer que a evolução da libido, inscrita na relação de objecto, segue um gradiente de deslocação do narcisismo para o amor objectal — do receber para o dar —, ao mesmo tempo que o objecto, de meramente funcional ou veículo de satisfação (objecto oral), se vai transformando em objecto portador de desejo e agente de proibição (objecto anal), objecto de competição e identificação (objecto fálico) e objecto-parceiro no destino e colaborador na criação (objecto último ou genital); o objecto, ainda, vai adquirindo constância e continuidade afectiva, pela evolução concomitante da univaleência para a pós-ambivalência, passando pela necessária e inevitável ambivalência.

O Eu, pelo processo das identificações sucessivas, vai-se automatizando, progredindo em coesão, independência e força; e vai utilizando, nas suas funções adaptativas, a energia que se destaca da libido narcísica e objectal pela redução do conflito — energia mais ou menos desconfitualizada, e não neutra ou «aconflitual», (como o querem certos autores da psicologia analítica do Eu), pois que todo e qualquer processo psíquico pressupõe sempre uma relação de objecto subjacente, e esta nunca é completamente isenta de conflito (sem conflito não há vida mental — é a linha isoelectrica).

X

Toda esta vicissitude e vida do afecto — afecto que é o *oiro* da relação e a *no-breza* da vida humana — tem uma tradução plástica, numa cena, na realidade interior do indivíduo: o fantasma consciente; e uma verdade, mais profunda e dificilmente sondável — o drama ou romance íntimo e autêntico, que a cena parodia e disfarça: o fantasma inconsciente. E transporta uma mensagem em duplo registo, que procura eco no circunstante.

É nosso mister — o de analistas — decifrar essa «banda» secreta. Quando para tanto sabemos estar em ressonância afectiva com o outro — «se a tanto nos ajudar engenho e arte», disse Camões.

É com o amor do objecto que o sujeito se constrói — aprende a amar-se. Sendo com o amor de si próprio que vai, por sua vez, amar o outro.

E assim nasce o narcisismo e o amor objectal. *Na relação.*

EPÍLOGO

Na perspectiva psicanalítica, o desenvolvimento mental da criança é considerado numa dialéctica relacional: de inter-relação entre o indivíduo e o mundo, a natureza e a cultura, o ser e o ambiente, a maturação

por processos intrínsecos inscritos no código genético e o desenvolvimento sob o impacto estimulante ou inibidor — mas sempre modificante — do condicionalismo mesológico. Actuando este sobretudo em momentos fecundos ou privilegiados do ciclo vital.

Da apreciação do conjunto do equipamento inato do recém-nascido, destaca-se um sistema nervoso anatómica e funcionalmente imaturo; incapaz de fazer face às necessidades biológicas elementares sem o apoio — organizado e organizador — de um ser da mesma espécie, mas já constituído.

Do mundo das coisas e das pessoas salienta-se aquela que, pela constância da sua presença e pela qualidade do seu interesse, vai constituir o suporte necessário e mais adequado ao crescimento harmónico do prematuro que é todo o recém-nascido humano: a mãe.

campo grande

revista da associação de estudantes da Fac
de Letras de Lisboa

«É uso fazer-se anunciar qualquer coisa com a justificação antecipada de que vem preencher um espaço, colmatar uma falta desde há muito sentida.

No caso da nossa Faculdade, esta afirmação seria demasiado óbvia e redundante. Até porque neste espaço que habitualmente designamos por Faculdade de Letras (e que os taxistas confundem, ingenuamente e sem malícia, com a Faculdade de Direito), espaço de contornos vagos e imprecisos, não por excesso de abertura, mas por fechamento despropositado, sente-se a própria falta duma Faculdade de Letras.

Na nossa Faculdade falta tudo. (Até uma passadeira para peões à frente do edifício; o que, juntando à incúria autárquica o facto sublime de não ter ainda ocorrido nenhum acidente notável, atesta bem a cautela sábia com que se entra na Faculdade).

Mas, se tudo falta, escusado seria dizer, portanto, que falta também uma revista deste tipo; uma revista que não pretende ocupar nenhum espaço (paradoxalmente há falta de espaço na Faculdade), mas criar, a partir de si, um espaço novo de reflexão e diálogo interdisciplinares. Campo Grande é, deste modo, numa definição progressiva, o projecto de si mesma.

É que a situação de, nas letras, sermos um campo tão grande, esconde é claro, os seus custos.»

Assim abre o primeiro número da revista *Campo Grande*, a editar mensalmente pela Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa. Para além de uma secção — 'Gaveta' — destinada a contos e poemas inéditos, e de uma página consagrada à fotografia, o n.º 1 de *Campo Grande* contém os seguintes artigos: «In Memoriam» (de Ary dos Santos), de José Carlos Almeida; «Práticas Desportivas e Expressão Social na Investigação Histórica», de António C. Correia; «A propósito de uma exposição na Faculdade de Letras», por Paula M. Rodrigues; «Simple Minds: o cepticismo, a dor, o dançável», de José L. Maio; «A propósito de um dia cinzento de Jorge Molder», por José A. Cardoso; «Eco d'Eco», por Paulo Petronilho; «Sobre o comentário de textos: a escrita de um diálogo», de M. Antónia Pacheco; «'Holanda' — ou a ficção de 'Holanda'», por Basaliza Torres; «'O Rei das Saladas' de Agustina Bessa Luis», de Patrícia Martins; «Introdução à hipótese hermenêutica de uma Fenomenologia da Escrita», de José C. Almeida; «Interpretação, Reversibilidade e Excedente», de Isabel M. Dias; «Alguns apontamentos de reflexão sobre a linguagem em Wittgenstein e Freud» e «Um estranho lugar», por Jorge Giro; «O sexo dos anjos», por João Almeida; «Divagação em torno de alguns poemas de Borges: um itinerário circular», de Margarida Reis; e «G. Orwell — 1984: Sem tempo nem esperança», de Viriato Soromenho Marques.